



GT 003. A luta pelo espaço nos centros urbanos contemporâneos

Urpi Montoya Uriarte (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a, Cornelia Eckert (UFRGS) - (Coordenador/a), Cristina Patriota de Moura (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Luísa Maria Silva Dantas (PPGAS/UFRGS) - Debatedor/a, Ana Luíza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale/RS) - Debatedor/a

Nos centros urbanos convivem uma grande quantidade de espaços vazios desocupados e pessoas morando nas ruas, prédios abandonados e cortiços superlotados, edifícios restaurados e ruínas urbanas, imóveis ocupados por refugiados de todos os tipos, territórios de legalidades e ilegalidades. Neste espaço de múltiplas contradições e conflitos se livram, na atualidade, de forma aberta ou difusa, uma luta violenta e desigual pelo espaço, protagonizada por racionalidades opostas e lógicas complexas, formas distintas de entender a ordem, de habitar e de circular, de rememorar, de usar ou contra-usar. Projetos de reabilitação, revitalização, gentrificação, empreendedorismo e ordenamento urbano intervêm no espaço público usado por milhares de pessoas para sobreviver e nos prédios habitados por aqueles outros tantos que mal conseguem sobreviver. O capital destrói, constrói ou reconstrói ali onde lhe é conveniente enquanto os habitantes e usuários do centro se refugiam em espaços opacos, nas dobras dos espaços abstratos, construindo e reconstruindo suas formas de habitar os lugares centrais. O objetivo deste grupo de trabalho é congregar os diversos tipos de abordagens etnográficas que revelem e discutam a complexidade e os antagonismos que se defrontam nos centros urbanos contemporâneos, a "guerra de lugares" que se processa nele e as formas de entender o que é o centro e como habitá-lo.

Vizinhos distantes: reflexões sobre a "Alta" de Coimbra, Portugal

Autoria: Marcia Regina Medeiros Veiga, Monalisa Dias de Siqueira

A "Alta" do centro histórico de Coimbra, cidade centro-litorânea de Portugal, é um território paradoxal. Com uma história milenar que se confunde com a história da cidade e do próprio país, sua centralidade não é somente geográfica. Abrigando, outrora, a realeza e a nobreza portuguesas, a "Alta" sempre se contrapôs, hierarquicamente, à "Baixa", território plebeu marcado pelo movimento do povo coimbrão: os artesãos, os comerciantes de rua, os feirantes, as lavadeiras do rio Mondego, as tricanas vendedoras de água. Em tempos não tão remotos, a "Alta", ela própria, já foi cheia de vida e movimento, sendo uma região residencial, cercada de comércios e serviços os mais diversos. A ocupação da "Alta", durante o período do Estado Novo, pela Universidade de Coimbra, a primeira universidade portuguesa; uma das pioneiras no mundo todo, desalojou uma parte significativa da população e dos serviços daquele território. Hoje, para além dos prédios da Universidade, a "Alta" comporta um edificado envelhecido e degradado, ocupado, em grande parte, por estudantes e por uma população bastante idosa, populações essas que vêm sendo, pouco a pouco, sufocadas pelos empreendimentos turísticos, que vêm tomando conta dos edifícios e do território como um todo. Pretendemos, com esta comunicação, refletir sobre "vizinhos" que são, a um tempo, próximos e distantes: patrimônio e turismo; velhice e juventude; hierarquia e irreverência, em seus conflitos cotidianos pela apropriação, construção e reconstrução de um espaço cada vez mais fragmentado e contraditório.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

